

## A SEMANA – 205\*

3 de maio de 1896

Os jornais deram ontem notícia telegráfica de haver sido assassinado o xá<sup>1</sup> da Pérsia.<sup>2</sup> Tão longe andamos da Pérsia, e tão pouco fez<sup>3</sup> aquele vivo falar de si por estes tempos de agitação universal, que fiquei assombrado. Supunha a Pérsia extinta. Não me lembrava sequer (a minha memória está acabando)<sup>4</sup> não me lembrava que ainda anteontem li, creio que no *Jornal do Commercio*, a notícia de que o *shah*<sup>5</sup> da Pérsia possuía o maior tesouro de joias, um<sup>6</sup> valor de 300.000:000\$000 (trezentos mil contos de réis).<sup>7</sup> Possuía e possui, porquanto naquelas partes como nas outras, *shah morto*, *shah posto*. Caiu Nass-ed-dine; vai subir Monraffer-ed-dine.

Vede o que são almas fanáticas. Não foram os trezentos mil contos de réis das<sup>8</sup> joias que armaram o braço do homicida, mas um motivo religioso. O *shah* ia justamente entrando no santuário para rezar. Se o motivo fosse outro, é provável que o assassino adiasse o assassinato, repetindo com Hamlet: “Agora não; seria mandá-lo para o céu!”<sup>9</sup>

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 124, p. 1, 3 maio 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 165-171). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> A formação histórica do vocábulo “xá”, em língua portuguesa, atesta o “x” desde 1523. (HOUAISS, 2001, p. 2892) Em francês, a grafia do termo é “shah”, ou “schah”, forma concorrente. (LE ROBERT MICRO, 1998, p. 1212) Nos jornais cariocas, na década de 1890, a grafia corrente do termo era “shah”, como nesta crônica. Atualizamos para “xá” os casos em que não há itálico, mas preservamos a forma francesa quando vem em itálico.

<sup>2</sup> As notícias publicadas nos jornais cariocas informaram o assassinato do xá da Pérsia e a preocupação de nações europeias com eventuais conflitos que se poderiam desencadear no Oriente. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 124, p. 1, 3 maio 1896; *Jornal do Commercio*, ano 75, n. 124, p. 1, col. 2, 3 maio 1896) Nass-ed-dine permaneceu longo tempo no poder (1848 a 1896), e foi sucedido por Monraffer-ed-dine (1896 a 1907).

<sup>3</sup> fez] faz – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>4</sup> acabando)] acabando), – em SEM1953.

<sup>5</sup> *shah*] xá – em SEM1953 (nesta e nas ocorrências seguintes).

<sup>6</sup> um] no – em SEM1953.

<sup>7</sup> Notícias sobre o tesouro do xá da Pérsia foram publicadas nos periódicos, como, por exemplo, no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 122, p. 2, col. 9, 1º maio 1896).

<sup>8</sup> das] da – em GN.

<sup>9</sup> Na passagem da qual vem a citação, Hamlet encontra Cláudio – que se tornou rei após matar o pai de Hamlet e se casar com a rainha –, rezando ajoelhado. Nesse momento, Hamlet diz: “Agora posso agir, eis que ele reza. / E vou fazê-lo. E ele entrará no céu; / E eu estarei vingado. Mas pensemos: / Um vilão mata o pai e, em consequência, / Eu, seu único filho, o criminoso / Mando aos céus. / Isso não é vingança, é paga e engano.” (SHAKESPEARE, *Hamlet*, ato 3, cena 3, 2022, p. 101 – tradução de Bárbara Heliodora)

Ao contrário, desde que o *shah* ia rezar pela sua seita, não iria para o céu, segundo o assassino; boa ocasião de o mandar ao diabo. Vede o que são almas fanáticas.

Há para mim, além da catástrofe, um ponto mui aborrecido: é o tiro. Persas e gentes semelhantes, se me quiserem interessar, como os antigos, não hão de ter pólvora. O punhal e a espada é que estão bem. As tragédias matam a ferro frio. Carnot e Lincoln caíram a golpes de arma branca.<sup>10</sup> Como é que, longe de centros cristãos e prosaicos, em plena vida oriental e poética, um fanático pega de uma espingarda ou trabuco, para vingar um texto ou um símbolo? Vai nisso um tanto de precaução, que se não ajusta bem ao fanatismo, não contando a falta de estética. Seja como for, pobre *shah*, tiveste de entregar a vida quando ias buscar a fonte da vida, ou o que supunhas tal.

Os persas, segundo leio no padre Manuel Godinho, que por ali andou em 1663, têm uma paixão tão grande, tão forte e tão absorvente que devia excluir qualquer outra. Não sei se chegareis a entendê-lo, ainda que vos copie aqui os próprios termos do padre; são claros os termos, mas por isso mesmo que claros, obscenos. Eis o texto: “São tão sobremaneira luxuriosos, (os persas), não se contentando *nem com* muitas mulheres”. Uma paixão destas tão extensa parece não dar campo ao fanatismo. Nem com muitas mulheres; então com quantas? Das mulheres escreve o padre que são “lascivas” e se acrescenta que de “ruim bofe”, não é para se desmentir a si próprio; estas qualidades podem viver juntas.<sup>11</sup>

Isto prova que o sangue há de sempre jorrar em toda a parte, desde os tronos até às mais simples esteiras. Aqui mesmo, esta semana, houve dois outros casos de mortes

---

<sup>10</sup> Dois presidentes assassinados no exercício do mandato. Marie François de Sadi Carnot (1837-1894), presidente francês, foi assassinado com um golpe de punhal por um anarquista italiano. Abraham Lincoln (1809-1865), presidente americano, porém, foi assassinado com um tiro – e não com “arma branca”. Houve, entretanto, pelo menos segundo a imprensa, faca na cena do crime e no noticiário do dia. Eis o relato do jornal *The World*, transcrito no *Jornal do Commercio* (ano 43, n. 137, p. 1, col. 4, 18 maio 1865): “Um crime horrível, um assassinato de que não há exemplo na história do país, foi ontem praticado no teatro *Ford*, pouco antes das 11 horas da noite. / O presidente Lincoln, sua senhora e amigos assistiam do seu camarote particular, na segunda ordem, ao lado direito do cenário, à comédia *O nosso primo americano*, quando no terceiro ato, e no momento em que houve uma pequena pausa, aguardando-se a entrada de uma personagem, ouviu-se a detonação de uma pistola, que pouca impressão teria causado se quase ao mesmo tempo não se visse um homem saltar do camarote do presidente ao palco, cerca de dez pés de altura, *brandindo na mão uma grande faca*, atravessar o cenário, tomando para o lado em que há um beco, onde, soube-se depois, montando num cavalo, partiu a toda a brida, e desapareceu como um relâmpago pela rua Tenth. [...] Os atores que estavam em cena, e algumas pessoas que o viram saltar, são concordes em afirmar que ele dissera na ocasião em que saltava: / Estou vingado. *Sic semper tyrannis*. / A conspiração foi ainda mais longe. Outro assassino, ou talvez o mesmo, pouco mais ou menos às mesmas horas, entrava em casa do Sr. ministro Seward, e penetrando no seu quarto de dormir *cortava-lhe o pescoço*.” (grifos nossos, exceto o da expressão latina) Teria Machado de Assis, como homem de teatro, ficado mais impressionado com o salto do homem com faca em punho, do camarote ao palco, do que com a notícia do estampido da pistola?

<sup>11</sup> Padre Manuel Godinho (1630-1712), da Companhia de Jesus. Em 1655 foi designado para participar de missão religiosa na Índia, de onde retornou a Portugal em 1663, realizando a viagem por terra e mar. Da viagem lhe vieram informações e experiências que relatou em *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus*. (GODINHO, 1842, p. 94 e 97)

misteriosas e interessantes. Um deles foi o de um velho que sucumbiu a pau ou a faca, não me lembra bem qual o instrumento. Já acima disse que a memória me vai morrendo. Depois de morto foi enterrado. Suspeitou-se do crime, e indo começar o processo do indigitado autor, acudiu naturalmente a ideia de autopsiar o cadáver, que é o primeiro ato dos inquéritos criminais. Infelizmente o cadáver fora enterrado na vala comum. Surdiu o receio de empestear<sup>12</sup> a cidade, abrindo uma vala onde jaziam dezesseis cadáveres em putrefação, alguns de febre amarela. Quando não fizesse mal à cidade, podia fazê-lo aos exumadores e aos próprios médicos encarregados da autópsia. Daí algumas consultas, cuja solução final foi a única possível, – negar a exumação. De resto, uma das ordens trocadas observou que, sem embargo da autópsia, as testemunhas do crime bastavam às necessidades da justiça.<sup>13</sup>

Em verdade, é possível que a exumação matasse alguns dos oficiais, médicos ou não, desse lúgubre ofício. Suponhamos que morriam três. Aí tínhamos três inocentes condenados à morte e executados sem forma legal, enquanto que<sup>14</sup> a marcha do processo podia e pode chegar ao resultado negativo, isto é, que o suposto réu não praticou o crime, ou se o cometeu foi *impelido por violência física*<sup>15</sup> *irresistível ou ameaça acompanhada de perigo atual*, como ainda esta semana decidiu o júri, creio que nos termos do código,<sup>16</sup> e certamente nos da verdade. Ora, tendo-se acabado com a pena de morte, é justo estender este benefício aos médicos e seus colaboradores, ficando a pena limitada à vítima, cujo silêncio eterno pede igualmente eterno repouso.

Nem falo disto senão para notar que a vala comum foi agora objeto de grandes lástimas. Muitos confessaram que a supunham acabada. Outros pediram que se acabasse com ela. Sempre ouvi falar com tristeza da vala comum. Este último leito, em que se perde até o nome e não se tem o favor de apodrecer sozinho, destinava-se antigamente

<sup>12</sup> empestear] empestear – em SEM1953.

<sup>13</sup> Notícias referentes à exumação foram publicadas em jornais cariocas ao longo da semana. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 117, p. 2, col. 2, 26 abr. 1896), por exemplo, lê-se: “Às três horas da tarde de ontem, o Dr. Vicente Neiva, 2º delegado auxiliar, acompanhado dos médicos legistas da polícia Drs. Rego Barros e Paulo de Lacerda, apresentou-se no cemitério de S. Francisco Xavier, a fim de ordenar a exumação e autópsia do preto Aleixo Pimenta de Moraes que, conforme noticiamos, faleceu no hospital da Misericórdia, no dia 20 do corrente, em consequência de um pontapé que recebeu na virilha, ofensa esta que lhe fora feita no Matadouro por Brás Monteiro de Barros, que se acha preso e recolhido ao destacamento da 4ª circunscrição suburbana. / A diligência ficou adiada para amanhã, às 3 horas da tarde, por não terem comparecido no cemitério as testemunhas para reconhecerem o cadáver de Moraes, visto achar-se o mesmo com mais 16 corpos na vala comum do referido cemitério, sendo 5 de febre amarela.”

<sup>14</sup> A conjunção “enquanto” une orações que expressam (a) fatos simultâneos e (b) fatos opostos. A locução “enquanto que” é utilizada para realçar o contraste entre dois fatos – equivale a “ao passo que”. (CEGALLA, 1999, p. 141)

<sup>15</sup> *violência física*] *violência* – em SEM1953.

<sup>16</sup> O Código Penal dos Estados Unidos do Brasil, de 11 de outubro de 1890, no Art. 25, § 5, dizia: “[Não são criminosos] Os que forem *impelidos* a cometer o crime por *violência física irresistível*, ou *ameaças acompanhadas de perigo atual*.” (grifos nossos) Para mais informações sobre Machado leitor de códigos, leis, regulamentos, etc. ver a crônica seguinte a esta (“A Semana – 206”).

aos pobres e aos escravos.<sup>17</sup> A lei acabou com os escravos, e deixou os pobres consigo mesmos.

Politicamente, é a vala comum o terror dos homens. Ouvi maldizer dela, muitas vezes, com indignação, e anunciá-la com perversidade: – “Não hei de cair na vala comum!” – “Na vala comum já há muito caiu V. Ex.!” – “*O Sr. presidente*:<sup>18</sup> – Atenção!” E ouvi ainda coisa pior, como prova de que o desprezo e o abandono em política são insuportáveis. Ouvi um dia, há muitos anos, um discurso na câmara dos deputados, cujo autor se lastimava de ser cão sem dono. Era um modo de dizer que o partido o não queria. Realmente, era lastimável. Um homem parlamentar que não tem quem lhe faça festas, quem lhe dê ordens ou lhe mande recados, não é soldado de partido, não é nada, é uma sombra. Não me lembra o nome nem a figura do representante. É o que vos disse três vezes, acima; vou perdendo a memória. Não cuideis que são achaques da idade. Há de haver aí alguma complicação psicológica.

Vede se não. Não atino com o lugar em que se deu há dias, – poucos dias, – um interrogatório feito a pessoa acusada de um crime... Também não me acode o crime; suponhamos que foi um roubo. Há crimes de roubo. O indigitado não queria confessar que o praticara; negava a pés juntos, com tal tranquilidade, por mais que o juiz fizesse, que a esta hora estaria na rua se o escrivão não pegasse das rédeas do interrogatório. Tão habilmente foi cercando o réu, que ele acabou confessando tudo. O escrivão fazia as perguntas, ouvia as respostas, e ditava-as todas a si mesmo. Uma vez que a verdade saiu do poço<sup>19</sup> tanto melhor. O único ponto duvidoso é matéria de ritual; mas, ainda assim, não conhecendo eu leis nem praxes, não sei se os escrivães podem ir além do escrever. Os hábitos eclesiásticos são diversos. Conheço sacristães, verdadeiros modelos de piedade e latim, que se limitam a ajudar a missa; não abençoam os fiéis, como o

---

<sup>17</sup> No século XIX, enterrar pobres e escravos em vala comum era prática corrente. Sobre a visão que se tinha da vala comum, transcrevemos um trecho do artigo intitulado “MELHORAMENTOS DA CIDADE [do Rio de Janeiro]”, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 96, p. 2, col. 6, 6 abr. 1895), assinado por C. Barata Ribeiro, sobre o “pensamento que movimentou a opinião em prol dos melhoramentos desta cidade”: “Não haverá quem pretenda que o alargamento das ruas resolva a crise da insanidade geral, é certo; invertam-se, porém, os termos da questão e chegar-se-á a resultados disparatados. Com efeito, realizem-se imaginariamente muitas outras reformas; aterrem-se pântanos, removam-se monturos, corrijam-se as emanções dos esgotos, inspecione-se a canalização do gás, metodize-se a distribuição das águas, tudo mais que quiserem, e aí ficarão nesta terra da promessa, os extensos vales a que se chamam ruas com as suas atmosferas pesadas, estagnadas, quentes, fétidas de todas as impurezas que fermentaram-lhe nas superfícies, emparedados por altos edifícios sombreando-lhes o aspecto lúgubre, com a *feição triste da vala comum para os enterramentos em massa!*” (grifo nosso)

<sup>18</sup> *presidente*:] *presidente*. – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>19</sup> O cronista se refere a um episódio que vem no *Teeteto* de Platão: um astrônomo que, andando e olhando para o céu, enquanto observava as estrelas, caiu num poço. O astrônomo é associado a Tales de Mileto, que previu um eclipse solar ocorrido em 585 ou 610 a.C. Machado de Assis citou esse episódio na crônica de 8 de setembro de 1895 de “A Semana”.

oficiante;<sup>20</sup> respondem a este, levam-lhe as galhetas, pegam-lhe na capa e se tangem a campainha é para pôr as vírgulas espirituais no sagrado texto.



### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 124, p. 1, 3 maio 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14101](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14101)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Introdução e notas: John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CÓDIGO penal da República dos Estados Unidos do Brasil. [Decreto n.847, de 11 de outubro de 1890] Disponível em:

<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/d847.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm)>

---

<sup>20</sup> oficiante;] oficiente; – em GN. Acatamos a correção de Aurélio Buarque de Holanda.

GODINHO, Manuel. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal, no anno de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus*. 2. ed. Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.

LE ROBERT MICRO. Montréal: DicoRobert, 1998.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Traduzido por Bárbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.